



PROJETO DE PESQUISA AFROTELAS: FEMINISMO NEGRO E AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTAS À EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Alice Karen Oliveira¹
Denise Aristimunha de Lima²
Eduarda Vaqueiro Medina³
Mérli Leal Silva⁴

Resumo: O objetivo deste artigo é descrever as ações educacionais construídas pelo grupo de pesquisa Afrotelas - gênero e raça no audiovisual, no que tange a análise da representação das mulheres negras no audiovisual brasileiro e latino-americano. Este esforço se divide em três partes: em um primeiro momento, caracterizamos o espaço de pesquisa como educativo e de resistência; após descrevemos os estudos sobre o tema e as autoras que nos orientam e como as categorias raça e gênero são negligenciadas, teórica e metodologicamente; em seguida, apresentamos dados sobre o perfil do grupo; E, por fim, desenvolvemos uma descrição das atividades e resultados do trabalho na comunidade.

Palavras-chave: audiovisual; racismo; representação; feminismo negro, pesquisa.

INTRODUÇÃO

O feminismo negro é um movimento que aborda as interseções entre raça, gênero e classe, destacando as experiências únicas das mulheres negras e lutando contra o sexismo, racismo e outras formas de opressão. Ele tem como objetivo ampliar a voz e a visibilidade das mulheres negras, combatendo estereótipos e promovendo a igualdade de direitos e oportunidades. O feminismo negro também enfatiza a importância da solidariedade entre as mulheres, reconhecendo as diferentes vivências e desafios enfrentados por mulheres de diferentes origens e contextos sociais. Para atingir tais objetivos foi criado o grupo de pesquisa Afrotelas - gênero e raça no audiovisual⁵, sobretudo para visibilizar análises de produção audiovisual com temática feminista negra. Infelizmente, o tema ainda é tratado como “preocupação das negras” ou como não é meu “lugar de fala”, conceito de Djamila Ribeiro (2019) que, normalmente, têm sido apropriado de forma errada por pessoas brancas que tentam

¹Graduanda do curso de Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA. RS. Brasil. E-mail: alicekaren.aluno@unipampa.edu.br

²Professora do curso de Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA. RS. Brasil. E-mail: deniselima@unipampa.edu.br

³Graduanda do curso de Jornalismo, pela Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA. RS. Brasil. E-mail: eduardamedina.aluno@unipampa.edu.br

⁴Professora do curso de Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA. RS. Brasil. E-mail: merlisilva@unipampa.edu.br

⁵ Vinculado ao grupo de pesquisa da Unipampa/CNPq Inventaria - comunicação, arte e cultura.



justificar a ausência na luta antirracista. Há um epistemicídio em relação à produção de conhecimento da comunidade negra. Nesse sentido, a equipe de pesquisadoras é composta por mulheres negras, conectadas pelo desejo de aprofundar conhecimento para a luta antirracista. O projeto possui um perfil no Instagram @afrotelasunipampa que funciona como ferramenta educacional. A pesquisa é de caráter exploratório, com coleta de dados e análise de conteúdo audiovisual em diferentes linguagens: cinema, filme publicitário, novelas, séries, entre outros. As autoras base dos estudos é composta por pesquisadoras negras, tais como Lélia Gonzalez (2019), Angela Davis (2016), Patricia Hill Collins (2019, 2021), bell hooks (2019), Nilma Lino Gomes (2019), Cida Bento (2022), Ráfia Zakaria (2021), Grada Kilomba (2019), Toni Morrison (2019), entre outras.

AFROTELAS: espaço de resistência na luta antirracista

Um espaço de resistência - assim denominamos nosso grupo de pesquisa. Ele pode ser entendido como um local físico, social, cultural ou virtual onde indivíduos ou grupos marginalizados encontram formas de resistir, contestar e subverter estruturas de poder opressivas. Esses espaços são importantes não apenas como refúgios, mas também como locais de afirmação identitária, empoderamento e construção de comunidade. O projeto de pesquisa Afrotelas foi criado como resposta a uma inquietação de pesquisadoras negras da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. A escolha pelo tema feminismo negro enquanto epistemologia, é um aporte para análises das lutas dessas mulheres. Tornou-se uma área crucial dentro dos estudos feministas que aborda as interseções entre raça, gênero e classe social, especialmente a partir da perspectiva das mulheres negras. Na pesquisa acadêmica, o feminismo negro desafia as narrativas dominantes que muitas vezes ignoram ou marginalizam as experiências das mulheres negras, oferecendo uma análise mais completa e inclusiva das questões de gênero e raça.

Desde 2021, nos constituímos como espaço de aprendizado sobre raça e gênero, aliado a objetos de pesquisa do audiovisual nacional. Nessa pesquisa acadêmica adotamos uma abordagem sensível às nuances e complexidades das experiências das mulheres negras, utilizando métodos que capturam essas complexidades e promovem uma representação autêntica de suas vozes e realidades através de produtos audiovisuais. Além disso, nossa pesquisa busca contribuir para a construção de políticas e práticas mais inclusivas e equitativas,



visando o empoderamento e a justiça social para todas as mulheres, especialmente aquelas que enfrentam múltiplas formas de discriminação. Sobretudo, o projeto se configura como lugar de resistência epistemológica. A bibliografia utilizada na Universidade ainda é colonial, ditada pelo colonizador europeu, branco e escravagista. Ao examinar o acervo da biblioteca do campus, tivemos a confirmação do que o grupo pesquisa.

O saber acadêmico ocidental tem sido historicamente dominado por uma perspectiva eurocêntrica, que privilegia os conhecimentos originários da Europa. Essa hegemonia é manifestada de diversas formas, incluindo a seleção de bibliografias, a estruturação dos currículos e a própria metodologia de pesquisa. Ao escolher uma abordagem de pesquisa, optamos por excluir perspectivas e incluir outras. Ao optarmos por uma perspectiva afrocentrada, nos concentramos na história, cultura, e perspectivas de pessoas de ascendência africana, muitas vezes desafiando narrativas eurocêntricas predominantes. Buscamos valorizar e destacar as contribuições e experiências das mulheres africanas e afrodescendentes em todo o mundo, promovendo um entendimento mais completo e equitativo da história da humanidade. Essa abordagem incentiva a celebração da diversidade cultural e étnica, bem como o empoderamento das pessoas de ascendência africana, promovendo uma visão mais inclusiva e respeitosa da sociedade. Os meios audiovisuais precisam ser confrontados enquanto hegemonia branca nas narrativas.

O projeto de pesquisa Afrotelas, que analisa gênero e raça no audiovisual, surge como uma iniciativa que vai ao encontro da necessidade de decolonização do saber acadêmico. Ao focar em autoras negras, nas suas produções de pesquisa, o projeto Afrotelas busca desafiar e contradizer a hegemonia eurocêntrica predominante. Lélia González (2020), Sueli Carneiro (2011), Patrícia Hill Collins (2019), bell hooks (2019), Bento (2022) entre outras auxiliam a identificar nos objetos estudados as imagens de controle, os discursos de dominação, bem como as interseccionalidades de raça, classe, gênero e sexualidade.

Para González (2020, p. 76), o racismo junto ao sexismo produz "efeitos violentos sobre a mulher negra em particular". González revela que os estudos se dirigiam a mulheres negras apenas de um ponto de vista socioeconômico e que outras dimensões e aspectos de dominação não eram considerados como as opressões evidenciadas nas figuras da mãe preta e da doméstica, estereótipos comumente engendrados pelo audiovisual brasileiro.

Os conhecimentos compartilhados no grupo são calcados nos textos dessas intelectuais



negras, que trazem em sua trajetória acadêmica a luta de se fazer ouvir em espaços que são majoritariamente ocupados pela branquitude. Cida Bento aborda isso quando fala sobre os pactos narcísicos que são regras, normas, que favorecem, no ambiente de trabalho, os que se consideram iguais. Esses pactos tratam de colaborar para a permanência de certos perfis em cargos de liderança e de outros em lugares de subordinação. Bento caracteriza essas situações como racismo institucional por envolver escolhas que se baseiam em discriminação de raça.

Não é apenas por atos discriminatórios que se verifica se uma instituição é racista, mas também por taxas, números de profissionais, prestadores de serviço, lideranças e parceiros com perfil monolítico, em que não se vê a diversidade. Nas escolas, por exemplo, sempre professoras e gestoras brancas, brinquedos e livros didáticos, planos de aula, projetos político-pedagógicos que dialogam exclusivamente com a branquitude (BENTO, 2022, p. 77-78).

Dentro da Universidade, esse racismo institucional, está presente quando um professor não reconhece bibliografia não-europeia, ou pelo questionamento das cotas raciais por alunos brancos, por exemplo. bell hooks traz um relato importante sobre alunos negros nas universidades, de um racismo que se estabelece de forma sutil, a partir do esquecimento do nome do aluno pelo professor, de ignorar o que é falado: "a figura dos professores brancos era apoiada por instituições de supremacia branca, por colegas racistas, por hierarquias que punham a palavra do professor acima do estudante" (bell hooks, 2019, 128-129). É comum ouvir relatos de atitudes racistas tanto de professores quanto de alunos. O que se passa em universidades aqui do Brasil não é muito diferente do que acontece nos Estados Unidos. Por isso, espaços como o Afrotelas são necessários para o entendimento e enfrentamento dessas questões, além, é claro, dos NEABIs que acolhem e orientam as denúncias.

A partir do feminismo negro, a análise dos objetos comunicacionais se torna mais profunda. Collins (2019) também se une ao pensamento de González com o conceito de imagens de controle, a pesquisadora identifica como representações estereotipadas de mulheres negras são utilizadas para perpetuar o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social. Collins ressalta que tanto as mídias tradicionais de veiculação quanto as mais recentes fazem circular as imagens de controle: "A cultura popular se tornou cada vez mais importante na promoção dessas imagens" (COLLINS, 2019, p. 160).



As pesquisas dentro do projeto trazem aprendizado para a vida, desenvolvendo uma consciência crítica, que pode ser aplicada no cotidiano em que as mesmas opressões são vivenciadas.

ATIVIDADES DO GRUPO

O projeto Afrotelas busca tratar em sua essencialidade o audiovisual negro protagonizado por mulheres negras. Este tema é de grande importância para a valorização da participação feminina negra dentro do audiovisual. O objetivo deste tópico é compartilhar as experiências vividas durante o projeto, buscando destacar as experiências externas.

O Afrotelas realiza rodas de conversas sobre temas pesquisados e discutidos dentro do grupo. As rodas de conversa tem como finalidade levar para o público externo a discussão de conceitos a partir de produtos audiovisuais, que contam com a participação feminina negra, criando um espaço de troca de experiências.

A metodologia das rodas de conversa acontece no formato de exposição e diálogo, através de cenas selecionadas da peça audiovisual a ser apresentada. As participantes do grupo preparam uma apresentação, na qual estão expostas cenas e logo em seguida os conceitos, que, previamente, são discutidos dentro do grupo. Os temas são fundamentados em autoras negras. Dentro da roda de conversa os conceitos estudados são explicados ao público. A partir disso, são realizadas perguntas que funcionam como ponto de partida para as discussões. Há uma intensa troca de experiências entre os presentes.

No dia 26 de Junho de 2023, deu-se a roda de conversa sobre a série “Rainha Charlotte: uma história Bridgerton”, realizada na Universidade Federal do Pampa, com a participação de alunos(as) e professoras da Unipampa e IFFAR.

Imagem 1 – Registro da roda de conversa com as integrantes do projeto e participantes



Fonte: Arquivo do projeto.

No início da roda foi apresentada a série e em seguida foi passado o trecho selecionado de cada cena e o conceito que o acompanhava. No total, foram apresentadas seis cenas e entre os temas estava a solidão da mulher negra e as políticas de embranquecimento. A fundamentação teórica básica foi bell hooks, Grada Kilomba e Nilma Lino Gomes. Um participante da roda de conversa disse o seguinte sobre a experiência:

A roda de conversa entregou o que havia proposto, uma interação super bacana entre discentes e docentes que fez com que o conteúdo fosse passado de maneira fluida. O uso do audiovisual para estudar sobre o assunto foi muito interessante e me senti confiante para entender e repassar o que foi aprendido naquele dia.

Esse tipo de relato destaca a importância do projeto e que suas participações externas são relevantes dentro do tema.

No dia 12 de setembro de 2023, o grupo foi convidado pelo Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura Afro-Brasileira e Indígena" (GEICAI), do IFFar Campus São Borja, a apresentar seus conteúdos e pesquisa em uma roda de conversa. A roda foi ministrada pelas integrantes do projeto. Desta vez, o produto audiovisual apresentado foi a minissérie "Coisa Mais Linda", uma produção brasileira que retrata os anos 1950. A metodologia utilizada segue a mesma descrita anteriormente e a fundamentação teórica utilizada contou com conceitos de Rafia Zakaria, Toni Morrison e Djamila Ribeiro.

Imagem 2 – Registro da roda de conversa no IFFar



Fonte: Arquivo do projeto.

Das pesquisas realizadas pelo grupo, para gerar conteúdo no instagram, também surgem pesquisas levadas a eventos como o Salão Internacional de Pesquisa e Extensão (SIEPE), Projeto 50|50 - Equidade de Gênero na Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e o Congresso de pesquisadores Negros da Região Sul (Copene-Sul). As pesquisas tem como objetivo repassar os conhecimentos e conceitos dentro do audiovisual para outros ambientes e também apresentar o projeto de pesquisa em outros locais.

A telenovela “Vai na Fé” da Rede Globo foi objeto de estudo do grupo para gerar conteúdo no perfil do Instagram. Durante este estudo foi desenvolvido um resumo intitulado “Você não tem classe para ter apart aqui: uma análise do feminismo branco a partir da personagem Guiga da telenovela “Vai na Fé””, que tinha como objetivo analisar a presença do Feminismo Branco em uma cena contracenada pelas personagens Guiga (Mel Maia) e Kate (Clara Moneke). A metodologia apresentou perspectiva da autora Rafia Zakaria, que explica a problemática do Feminismo Branco. O resumo foi apresentado XV Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Imagem 3 – Registro de apresentação de trabalho no XV Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão.



Fonte: Arquivo do projeto.

As coordenadoras do projeto apresentaram no O XIV Encontro Nacional de História da Mídia ocorreu durante os dias 2 a 4 de agosto de 2023 na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, uma análise crítica da campanha publicitária da Natura intitulada "Vai com coragem. Luna vai com você". O estudo analisou as narrativas presentes no anúncio, enfatizando como a empresa adotou uma postura de caráter feminista e transformador, associando a ideia de coragem à superação de preconceitos. O filme publicitário retrata como a coragem é necessária para enfrentar os estigmas sociais de gênero. O artigo traz o conceito de interseccionalidade como uma ferramenta analítica para compreender o contexto de discriminação de gênero presente em cada uma das personagens.

Imagem 4 – Registro da apresentação no XIV Encontro Nacional de História da Mídia



Fonte: Arquivo do projeto.

Entre os dias 28 e 31 de agosto de 2023, a voluntária Alice Karen Oliveira apresentou no 6º Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros da Região Sul (Copene-Sul) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) um resumo intitulado “Cabelo e Identidade Negra: uma análise da direção de arte na série rainha charlotte” que tinha como objetivo analisar a direção de arte da série “Rainha Charlotte: Uma História Bridgerton”, abordando a beleza negra com corpo e cabelo.

Imagem 5 – Registro de apresentação no de conversa no 6º Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros da Região Sul.



Fonte: Arquivo do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O feminismo negro não apenas desafia as narrativas dominantes que frequentemente ignoram ou marginalizam as experiências das mulheres negras, mas também oferece uma perspectiva essencialmente interseccional que reconhece as complexidades das identidades e das opressões enfrentadas por essas mulheres. Ao construir um espaço de pesquisa afrocentrado, identificamos a ausência dessa abordagem dentro do espaço acadêmico, de forma geral. Sem dúvida, os meios audiovisuais usam sua técnica para controlar as imagens onde as minorias quase sempre estão em posições subalternizadas. No percurso de 3 anos de projeto, identificamos estudantes sedentas por estudar o tema, ler, debater, produzir conteúdo educativo nas redes. Contudo, não é apenas para o lattes, é uma vivência, uma experiência em ser protagonista do seu próprio saber. Por fim, a pesquisa acadêmica sobre feminismo negro como tema central não deve ser vista como uma atividade isolada ou meramente teórica, mas sim como uma ferramenta poderosa para a transformação social, buscando dismantlar sistemas de opressão e promover um futuro mais justo e inclusivo para todas as pessoas, independentemente de sua raça, gênero ou origem socioeconômica.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. São Paulo: Autêntica, 2019.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ZAKARIA, Rafia. **Contra o Feminismo Branco**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.